ISSN: 2358-8829

A ABORDAGEM TEÓRICA DA CATEGORIA TERRITÓRIO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Wellington Miguel Dantas [1]
Amanda Christinne Nascimento Marques [2]

INTRODUÇÃO

O presente artigo, versa sobre os resultados de uma atividade realizada da Componente Curricular Territórios, Discursos e diversidades de sujeitos no campo, ministrada pelos docentes: Prof. Doutora Amanda Christinne Nascimento Marques e o Prof Doutor Josias de Castro Galvão, no curso de Pós- Graduação em Geografia (Mestrado) ofertado pela Universidade Federal da Paraíba, Campus I- João Pessoa (PB)- Departamento de Geociências no semestre 2025.2.

A temática abordada nessa pesquisa consiste na categoria geográfica território que foi um dos elementos chaves discutidos na sala de aula e despertou o interesse em conhecer um pouco mais sobre o aporte conceitual da mesma, principalmente porque essa vem sendo discutida por pesquisadores em Programas de Pós- Graduação em teses, dissertações e artigos científicos, além de contribuir para fazer análises de cunho geográfico em diversos territórios do Brasil e da Paraíba. A questão norteadora para esse estudo é de que forma a categoria território está sendo abordada na literatura?

Nesse contexto, ao decorrer do texto destacamos alguns autores que contribuíram para a reflexão teórica dos textos trabalhados em sala de aula que realizamos sobre o tema a exemplo de: Raffestin (1993) em que faz uma discussão sobre o conceito de território numa ótica de diferenciar o território de espaço; Haesbaert (1999) que discute o conceito de território a partir da identidade territorial que está relacionada aos vínculos que um determinado grupo social tem com determinado espaço e Haesbaert (2004) que discute o território em duas dimensões materiais e idealista no campo cultural e da política; Bonnemaison (2002) que destaca os símbolos que perfazem o cotidiano dos povos que ocupam um determinado território enfatizando o significado para estes; Souza (2003) que aponta nos seus estudos o território numa perspectiva de poder e de fragilidades em grandes metrópoles como o Rio de Janeiro evidenciando: a prostituição, a violência e o

[1]Aluno do Curso de Pós-Graduação em Geografia- PPGG (Mestrado) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus I – João Pessoa (PB).wellingtonmiguel05@gmail.com; ;
[2] Professora orientadora: Doutora em Geografia, pelo Núcleo de Pós-Graduação em Geografia-NPGEO da Universidade Federal de Sergipe - UFS, Professora da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, campus III – Bananeiras (PB), do Programa de Pós graduação em Direitos Humanos - PPGDH/UFPB e do Programa de Pós graduação em Geografia - PPGG/UFPB. amandamarques.geografia@gmail.com

ISSN: 2358-8829

tráfico de drogas; Porto- Gonçalves (2010) que faz uma problematização entre as relações dos saberes e territórios e faz uma crítica ao eurocentrismo.

Para fazer esta análise partimos de uma abordagem qualitativa que consistiu em um Levantamento bibliográfico sobre a temática pesquisada; em seguida realizou-se uma Pesquisa Refinada e documental em plataformas como o google acadêmico e a Scielo ; Fichamento de textos com os principais conceitos e teorias sobre o território levantados pelos pesquisadores e posteriormente uma contextualização da categoria território e suas contribuições com a Ciência Geográfica.

Desse modo, o objetivo desse estudo foi refletir sobre as diferentes formas de conceituação e as vertentes do território na Geografia. Em tais especificidades: abordar a categoria território suas implicações e contribuições para a Ciência Geográfica; apresentar as diferentes formas de abordagens do território discutidas por alguns pesquisadores do ponto de vista histórico e conceitual.

METODOLOGIA

Inicialmente realizamos um levantamento bibliográfico de textos referente ao tema investigado para dar subsídio teórico a pesquisa, utilizando-se de obras técnico-científicas como livros, e revistas científicas. Nos apoiamos inicialmente em: Raffestin (1993) para conceituar o território e as suas relações com o poder; Haesbaert (1999) que enfatiza território e entender a sua desterritorialização; Haesbaert (2004) que apresenta nesse estudo as dimensões do território; Suertegaray (2001) que traz no seus escritos o conceito do território a partir de uma perspectiva histórca das relações de poder; Bonnemaison (2002) que faz uma reflexão sobre o território a parti do seu significado tendo como elemento chave a questão cultural; Souza (2003) que faz uma discussão ampla sobre a conceituação do território; Porto- Gonçalves (2010) traz uma abordagem dos saberes e do território com uma abordagem crítica sobre a questão do eurocentrismo; Silva (2015) que faz uma breve revisão bibliográfica sobre as vertentes conceituais do território. Por esses pesquisadores fazerem uma análise do tema território e sua contextualização do ponto de vista teórico e suas implicações e contribuições com a ciência geográfica que é muito importante serem realizadas essas reflexões e incororá-las em estudos futuros como teses e dissertações fazendo uma aplicação dessas nesses estudos e assim constituir uma análise crítica dos grupos sociais humanos que fazem parte dos mesmos como exemplos, os indígenas, os africanos os quais fazem partes de

comunidades tradicionais que passaram/passam por diversas transformações na dinâmica territorial.

Posteriormente, partimos para uma pesquisa refinada e documental nos acervos digitais de Sítios eletrônicos de Universidades e de órgãos da educação e legislações da área da educação, livros digitais, relatórios de pesquisa, teses e dissertações as fontes de pesquisa foram o google acadêmico, Scielo, dentre outros. Destaca-se que as fontes documentais e bibliográficas são de domínio público, ou seja, pode ser consultada por qualquer pesquisador. A partir das palavras-chave: território, geografia pensamento geográfico que foram fundamentais na busca de um acervo bibliográfico sobre a temática investigada desde autores considerados clássicos até aqueles que construíram suas teorias sobre o território a partir dos escritos desses e que são detalhados ao decorrer dessa pesquisa.

REFLETINDO A CATEGORIA GEOGRÁFICA TERRITÓRIO

No que refere-se ao conceito de território nos ancoramos em Raffestin (1993) que na sua obra por uma geografia do poder ele já atribui que essa categoria geográfica está relacionada as relações de poder como é evidenciado na citação de : “A geografia política clássica é na verdade uma geografia do Estado, que seria necessário ultrapassar, propondo uma problemática relacional na qual o poder é a chave- em toda relação circula o poder que não é rirem possuído nem adquirido, mas simplesmente exercido” (RAFFESTIN, 1993 p.1). Nessa afirmação podemos constatar que o poder é exercido por qualquer pessoa e não se pode pensar em relações simétricas, porque este possui relações disimétricas não igualitárias sendo a ser emanadas por uma sociedade no campo das relações do micro.

Ainda nessa perspectiva clássica sobre o território autores como Raffestin criticam a abordagem do território desenvolvida por Ratzel que trazia na sua essência o princípio estado-nação tendo como influência as ciências naturais que consistiam no positivismo e determinismo que preconizava o geográfico com a pré-disposição do espaço natural, ou seja a natureza é fundamental para o desenvolvimento desses povos, como exemplo no Brasil pode-se relacionar que os indicadores de pobreza estão associados as condições climáticas principalmente quando se fala das regiões do semiárido e do sertão no tocante da seca e da escassez da chuva aliados a uma abrordagem climática e ao determinismo biológico (teoria da evolução).

Uma das pesquisadoras que enfatiza nas suas pesquisas quanto as categorias

ISSN: 2358-8829

geográficas o território é Suertegaray (2001) seguindo a vertente historicamente de Ratzel das relações de poder que são realizadas no espaço. “A concepção clássica de território vincula-se ao domínio de uma determinada área, imprimindo uma perspectiva de análise centrada na identidade nacional”(SUERTEGARAY, 2001) a autora destaca uma abordagem bastante destacada na literatura que é a de entendermos o território como Estado- nação e que é muito difundida na Ciência Geográfica. Ainda reforçando essa ideia frisamos o seguinte:

> “No que se refere ao Estado, a Geografia Política está desde a muito tempo habituada a considerar junto ao tamanho da população, o tamanho do território". Continuando, a organização de uma sociedade depende estritamente da natureza de seu solo, de sua situação, o conhecimento da natureza física do país, suas vantagens e desvantagens pertence a história política"(RATZEL, 1899 apud SUERTEGARAY, 2001 p. 5).

Diante do exposto constatamos que dentro da visão clássica o território está associado a uma relação entre natureza e sociedade movidos pelo determinismo geográfico que é um dos aspectos elencados fortemente na teoria desenvolvida pelo geógrafo alemão Friederich Ratzel em uma extensão do poder que afeta na dinâmica das populações na dinâmica territorial.

Sendo assim nas notas de aula Marques (2025) explanou que: “Estado-nação para Ratzel estar ente a ser apropriado, um povo decai quando sofre perdas territoriais (expansionismo), pois torna-se um discurso equivocado quando ele traz a discussão de Estado como um único elemento do território, pois o poder (materializado) se apropia quanto mais um espaço, mais território (a sociedade mais se desenvolvia). O que torna difícil entender o poder porque ele não é palpável, mas exercido toda dimensão territorial (poder)”.

Um outro aspecto que podemos destacar no texto escrito por Raffestin (1993) é de ainda na definição de território ele deixa bem claro que apesar de haver uma confusão entre espaço X território em alguns autores destacarem que ambos tem alguma semelhança ele é bem categórico e diz que são coisas bem distintas polissêmicas com significados diferentes. O que esse trecho sintetiza bem essa distinção entre as categorias espaço e território:

> É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa). Em qualquer nível. Ao apropiar-se um espaço concreto ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço. (RAFFESTIN, 1993 p. 02)

O referido autor para chegar a essa conclusão se baseia em Lefebvre que fazia inferência nos seus escritos essa relação entre espaço e território destes estarem relacionados mas de não terem o mesmo significado, pois enquanto o território corresponde a um espaço onde se projeta o trabalho, o espaço é a prisão original. Ele ainda destaca que para os marxistas o espaço é compreendido como se fosse a matéria - prima e que o território se apoia no espaço na ótica da produção estabelecendo relações de poder.

Um outro ponto a ser elencando ainda no texto de Raffestin (1993) é o sistema territorial produto e meio da produção na visão da representação e traz como exemplo a forma como um geógrafo se comporta diante de um sistema como esse, primeiramente esse profissional vai se deparar com uma produção já realizada e que esta se encontra paassíveis a uma série de mudanças e transformações porque toda análise apresenta diversas formas de linguagem sendo assim há uma limitação sobre a prática de quem produziu no território.

Na última seção ainda é colocado por Raffestin (1993), em pauta a questão da territorialidade que vem sendo muito discutida por diversos pesquisadores principalmente na geografia e a conceitua como sendo:"Um sistema de relações existenciais e ou produtivistas. Quer se trate das relações existenciais e/ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações da natureza como as relações sociais "(RAFFESTIN, 1993 p.14). Desse modo em síntese a territorialidade é a forma como esse território é vivenciado e utilizado por um determinado grupo social seja ele por exemplo indígena , quilombola ou outro. Diante do exposto as territorialidades podem ser classificadas em dois tipos: estável os elementos não sofrem mudanças ao longo prazo e instável os elementos sofrem mudanças ao longo do tempo.

Do ponto de vista contemporâneo na definição de território este vem sendo abordado pelo pesquisador Marcelo Lopes de Souza (2003) em um artigo básico intitulado de : O território; sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento, o qual faz uma reflexão sobre esta, retomando a alguns elementos como território Estado- nação e uma vertente que no campo do território há fortemente relações sociais nos espaços ocupados ou vivenciados por uma população e faz uma breve caracterização da perspectiva do território segundo a visão de Ratzel e Raffestin no que estes compreendem por território elencando algumas lacunas deixadas por esses pesquisadores nas definições

ISSN: 2358-8829

criadas por estes, além de fazer uma apresentação sobre a sua compreensão em relação a territorialidade/as territorialidades tendo como lócus de estudo a metrópole do Rio de Janeiro onde sesenvolveu as suas pesquisas sobre a questão territorial, tazendo como exemplos básicos a violência, o tráfico de drogas e a forma como as pessoas fazem uso desses territórios e suas implicações no seu cotidiano.

Na visão de Souza (2003) "o território é visto como um espaço definido e delimitado por e apartir das relações de poder para complementá-la e precisá-la, aparar-lhe as arestas". Com isso em linhas gerais poderiamos compreendemos que o poder está presente em toda a espacialiadade em que o ser humano se fizer presente, mas ao decorrer da leitura aprofundanda do texto, o pesquisador levanta uma limitação nessa afirmação de que:

> Se todo território pressupõe um espaço social, nem todo espaço territorial é um território: pense no caso extremo de uma cidade fantasma, testemunho de uma antiga civilização, outrora fervilhante de vida e mesmo esplendorosa, e hoje reduzida a ruínas esquecidas e cobertas pela selva; essa cidade hipotética, abondanada, não retrocedeu, lógico, à condição de um objeto natural, mas ao mesmo tempo "morreu em termos de dinâmica social, não sendo mais diretamenta território de quem quer que seja. (SOUZA, 2003 p. 97).

No decorrer da leitura do texto e das reflexões feitas sobre estes conseguimos identificar que o autor faz uma crítica sobre as forma de espaços estabelecida por Raffestin (1993) que o deixa limitado apenas a natureza e pelo contrário o terrirório se tornou quase um sinônimo de espaço social e com isso evidenciamos que com base em Souza (2003) o pesquisador em questão não chega a fazer uma restrição sobre a teoria Ratzeliana do solo Pátrio, apenas ele faz uma adaptação de quando se faz uma análise do território é importante fazer uma abordagem mais ampla, ou seja não está direcionado apenas a uma Geografia do Estado. Para reforçar essa questão crítica partimos de um agumento escrito por Souza (2003) em que este afirma que o Raffestin não explorou suficientemente o veio oferecido por uma abordagem relacional, pois não discerniu que o território não é um substrato o espaço social em si, mas sim um campo de forças, as relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte sobre um substrato referencial (SOUZA, 2003 p. 97). Lembrando que o que está implicito aqui não diz respeito ao processo de conceituação do território, mas a dinâmica espacial desses.

Nesse sentido, os apontamentos levantado pelo autor destacado é de grande relevância, pois ele aponta do ponto de vista espacial material eles podem se materiarlizar

ISSN: 2358-8829

rapidamente ou apenas permanecer o mesmo. Para reforçarmos essa ideia nos ancoramos em Suertegaray (2001) quando esta autora menciona que: “Por conseqüência, estes espaços concretos podem formarem-se ou dissolverem-se de modo muito rápido, podendo ter existência regular, porém periódica, podendo o substrato material permanecer o mesmo”.

Um outro ponto que nos chamou atenção nessa pesquisa desenvolvida por Souza (2003) é quando ele fala a respeito das territorialidades para ele a territorialidade é

> [...] pressupõe não propiamente um deslocamento entre as dimensões política e cultural da sociedade, mas uma flexibilização da visão do que seja o território. Aqui o território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outisiders) (SOUZA, 2003 p.86).

Essa citação além de fazer alusão a definição de território na perecepção desse autor, ainda faz um destaque para o que é o território para ele e traz algumas características importantes para que faça com que o leitor compreenda os elementos aos quais estão interligados a o território principalmente ao campo de forças e as relações sociais, enfatizando as diferenças do ponto de vista social, cultural e econômico existententes em um grupo ou comunidade. Como exemplos da territorialidade, Souza (2003) aponta a questão da prostituição do gênero feminino ou masculino e o tráfico de drogas.

Sob a ótica desse pesquisador uma territorialidade flexível é comum nas grandes metrópoles, como o Rio Janeiro ocorrem situações em que os territórios tem uma função no turno noturno e outra no diurno como é evidenciado por Souza (2003):

> Os territórios da prostituição feminina ou masculina (prostitutas, travestis, michês), onde os “outros” tanto podem estar no mundo exterioe em geral (de onde vem os clientes em potenciala) quanto, em muitos casos, em um grupo concorrente (prostitutas versus travestis), com os quais se podem entrar em conflito. Esses territórios. Comunentemente encontrados naqueles locais próximos ao Central Business District (CBD), que se convencionou a chamar de blighted areas, áreas de obsolência ou “espaços deteriorados”, muitas vezes (a não ser no caso de um bas fond como a decadente Vila Mimosa, na cidade do Rio de Janeiro, que foi o que restou da antiga e famosa “Zona do Mangue) são “apropriados” pelo respectivo grupo apenas à noite. Durante o dia as ruas são tomadas por outro tipo de paisagem humana, típico movimento diurno das áreas de obsolescência: pessoas trabalhando ou fazendo compras em estabelecimentos comerciais, escritórios de baixo status e pequenas oficinas, além de moradores das imediações. (SOUZA, 2003 p.87-88).

ISSN: 2358-8829

Diante desse cenário podemos elencar que em termos de organização a territorialidade de cada facção ou organização do tráfico de drogas na visão do autor é considerada como uma rede complexa com uma união de pertencimento ao mesmo comando, estabelecendo uma relação de nós com outras redes todas elas inseridas no mesmo espaço e disputando uma mesma área no compete ao setor econômico especificamente no mercado consumidor o que pode ser chamado de uma territorialidade de baixa definição

Em relação ao emprego do termo territorialidade no singular ou territorialidades no plural é colocado por Souza (2003) que estes tem significados diferentes na sua aplicação em estudos e pesquisas a serem desenvolvidas por geógrafos, pois a primeira colocação corresponde a algo abstrato:

> [...] “aquilo que faz de qualquer território um território, isto é, de acordo com o que disse a pouco, relações de poder espacialmente delimitadas operando sobre um substrato referencial. As territorialidades,no plural, significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades, dinâmica etc.: para exemplificar, territórios contínuos e territórios descontínuos singulares são representantes de duas territorialidades distintas, contínua e descontínua. (SOUZA, 2003 p. 99).

Essa citação é de fundamental importância para que o pesquisador consiga compreender a singularidade e pluralidade do termo territorialidade (es) e que assim não gere dúvidas quanto a empregabilidade desses em suas pesquisas de cunho territorial.

Um outro pesquisador que concentra nos seus estudos o território como categoria de análise geográfica na contemporainedade é o Rogério Haesbaert geógrafo humano brasileiro, marxista e pós estruturalista e professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) tem como foco debater a questão do território/ territorialização por tanto iremos elencar no que corresponde ao território a dimensão que este menciona, o papel do geógrafo na materialização do território , as suas facetas e implicações para a ciência geográfica.

Um dos elementos nortadores introdutórios na discussão levantada por Haesbaert (2004) sobre o território deriva de um questionamento sobre qual o tipo desse se fala quando está se falando da desterritorialização?, com base na leitura do capítulo 02 Definindo Território para Entender a Desterritorialização. Da obra O Mito da Desterritorialização: Do Fim dos Territórios à Multiterritorialidade. O primeiro discurso levantado por esse autor é de que a concepção do território para uma desterritorialização está relacionada a fragilidade das fornteiras estatais caracterizando esse como um

território político e de que é um movimento que se abandona o território. Porém, essa não é a única vertente do território para outros autores esse processo de desterritorialização está associado a hibridização cultural, isso quer dizer que nesta impede o reconhecimento de uma identidade cultural. Então comprovamos que não uma abordagem única no que infere-se a esse ponto porque pode-se atribuir diferentes significados a essa dependendo da linha teórica -conceitual e a área do conhecimento que se refere a territorialidade na sociologia, na geografia que é uma das ciências que até a década de 1960 ainda é incipiente , na etologia, a antropologia, a sociologia e dentre outras se faz necessário a importância de um diálogo interdisciplinar sobre o território e a territorialidade.

Nesse contexto, as noções do território conforme Haesbaert (2004, p. 40) estão classificadas em três vertentes: a política, a cultural e a econômica as quais tem características distintas e que serão descritas basicamente para que os pesquisadores possam compreender a linha de pensamento de cada uma dessas:

- **Política:** tem como característica básica as relações de poder e consisti em uma percepção na qual o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual é exercido um tipo de poder, mas não necessariamente está relacionado ao poder político do Estado;

- **Cultural:** a qual preconiza o território como um produto da apropiação/ valorização simbólica de um grupo no que compete ao espaço vivido;

- **Econômica:** destaca a dimensão espacial das relações econômicas, em outras palavras o território é uma fonte de recursos e/ou incorporado no dilema entre as classes sociais no que corresponde a relação capital-trabalho, na divisão territorial do trabalho, por exemplo.

Em uma perspectiva de metódos como o materialismo histórico e dialético no que infere-se a definição do território colocada Haesbaert (2004) perpassa por três abordagens e os referidos contextos em cada uma delas. A primeira tem como prioridade a dimensão material dando ênfase a economia; a segunda tem como princípio a contextualização da historicidade; a terceira é constituída a partir das relações sociais em que estão inseridos, ou seja estabelecem uma relação. Essa reflexão é muito importante para o pesquisador porque com a realização da leitura e da delmitação da abordagem que pretende utilizar nas suas pesquisas deixa com clareza onde esta se enquadra e facilita a incorporação de uma categoria geográfica nesta.

Dando continuidade as discussões sobre as breves conceituações sobre o território

ISSN: 2358-8829

Haesbaert (1999) destaca que nos territórios são encontradas identidades territoriais as quais tem na sua essência a ideia de pertencimento, vinculos que e estabelecem com determinados grupos humanos como exemplo, os povos tradicionais e constituem relações sociais num determinado espaço de convívio. Além de discutir as noções de identidade social e identidade territorial.

Do ponto de vista geográfico o pesquisador faz uma indagação sobre um dos termos que está ligado a dinâmica territorial que é a desterritorialização em uma espécie de crítica que virou moda a utilização dessa palavra e acaba trazendo uma confusão em sua aplicabilidade como ele afirma: [...] "confundindo-se muitas vezes o desaparecimento dos territórios com o simples debilitamento da mediação espacial nas relações sociais" [...] (HAESBAERT, 1999 p. 171). A partir dessa afirmação podemos comprovar que isso pode configurar um cenário territorial de ciberespaço influenciado pelo processo de globalização no qual prevaleceria as relações materiais e socioeconômicas o que segundo o autor configura em território material e concreto, o que limitaria os gupos sociais em colocarem na prática a sua cultura,por exemplo.

Um outro elemento que entra em evidência pelo autor no campo da identidade é que esta pode ser classificada como uma **identidade territorial** na qual é compreendida como : [...] "é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropiação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação" (HAESBAERT, 1999 p. 171). Nesse trecho fica claro que a identidade territorial está relacionado ao ser humano se sentir pertencente aquele território trazendo como elemento central a simbologia, o significado dos elementos que representam a sua identidade e como esses se relacionam com a sua cultura e uma relação social. Haesbaert (1999) ainda aponta como uma das características fundantes da identidade territorial é que esta vai recorrer a uma dimensão histórica, [...] "do imaginário social, de modo que o espaço serve de referência "condense" a memória do grupo, tal como ocorre deliberadamente nos monumentos históricos nacionais". (HAESBAERT, 1999 p. 180).

A identidade social é outra das formas mencionadas por Haesbaert (1999) e que para que possamos entender melhor como essa funciona temos que levar em consideração alguns elementos importantes como a noção de símbolo e a subjetividade que não explicado explicitamente, mas que ficam na representação e nos sentimentos. Sendo

ISSN: 2358-8829

assim:

> Para entendermos a identidade social e a mediação do espaço na construção da identidade territorial é muito importante discutirmos a noção de símbolo. Partilhamos da concepção daqueles que, na semiologia entendem o símbolo não como sinônimo de signo ou de simples "representação" ou "susbstituição". Enquanto o signo stricto sensu é muito mais arbitrário e mais racional, no sentido de uma convenção abstrata geral, dotado de um sentido mais primário e literal, o símbolo matém uma relação mais direta com a coisa nomeada e ao mesmo tempo, mais carregado de subjetividade [...](HAESBAERT, 1999 p. 171)

Nesse contexto, podemos perceber a subjetividade está fortemente presente na identidade social em um processo de tranformação movida pelo simbólico, porque esse é mais difícil de ser reconhecido e numa relação de grupos humanos um dos cuidados que se deve ter é com os grupos remanescentes , como exemplo os indígenas que se auto definem pelo grau de parentesco com seus antepassados, as suas tradições, a cultura e a religiosidade que dependendo do contexto pode alterar a sua reprodução cultural.

Na literatura internacional uma das discussões que faz inferência é a de um geógrafo francês Bonnemaison (2002) que em um dos seus textos intitulados de viagem em torno do território faz um panorama de umas das suas experiências em ques fez durante as suas viagens em sociedades tradicionais o que faz enquadrar o território em uma vertente cultural, além de mencionar a corporeidade (expressões) pinturas indígenas e do movimento que os indivíduos fazem sobre um determinado local e as suas territorialidades étnicas destaca também a importância de se trabalhar a etnografia e a etnogeografia em pequisas que abordem esse tema.

Uma das premissas destacadas pelo autor é de faze uma contextualização do campo cultural com a geografia. Primeiramente é colocado em pauta a cultura como é compreendida hoje e como esta é vista pelos geógráfos do ponto de vista de significado, ideologia, espiritualidade e o perpassar por diversas gerações. Dessa maneira, Bonnemaison (2002) afirma que:

> A cultura hoje tende a ser compreendida como outra vertente do real, um sistema de representação simbólica existente em si mesmo e, se formos ao limite do raciocínio, como uma "visão de mundo" que tem sua coerência e seus próprios efeitos sobre a relação da sociedade com o espaço. Para os geógrafos, a cultura é rica de significados porque é tida como um tipo de resposta, no plano ideológico e espiritual, ao problema do existir coletivamente num determinado ambiente natural, num espaço e numa conjuntura histórica e econômica colocada em causa a cada geração. (BONNEMAISON, 2002 p. 86).

ISSN: 2358-8829

Dessa forma, é muito importante destacar a cultura ao se trabalhar o território porque é nele que os grupos sociais representam a sua identidade e trazem consigo particularidade interna e subjetivas, como o sentimento de pertencimento, valores, hábitos, constumes a heração cultural passada de geração por geração e isso acaba trazendo uma relação de efeitos no espaço e a geografia por ser uma ciência que está sempre em dinamismo é uma das ferramentas que auxilia no processo de interpretação do significados de elementos naturais e concretos que estão associados a sua cultura e as relações sociais existentes.

O território e a territorialidade são outros elementos fortemente discutido pelo autor e que vem dando um arcabouço teórico ao seu estudo pois é onde acontecem as relações soaciais entre os grupos. E para Bonnemaison (2002) no tocante da definição do território " as sociedades humanas tem uma concepção diferente do território. Ele não é obrigatoriamente fechado, não é sempre um tecido espacial unido nem induz a um comportamento necessariamente estável. Em relação a territorialidade [...] "se situa na junção de duas atitudes ; ela engloba simultaneamente aquilo que é mobilidade- dito de outra maneira, os intenerários e os lugares. (BONNEMAISON, 2002 p. 92). Nessa fala do autor conseguimos que constatar que o território é dinâmico, trata-se de uma ambiente que está em contante transformação e não é aquilo estático. E a que a territorialidade está relacionado a algo móvel em uma relação social e cutural que o grupo vem mantendo com os lugares que constituem o território.

Em uma perspectiva cultural quando é feita essa análise frente ao território algumas recomendações são necessárias e é o que podemos comprovar nos escritos de Bonnemaison (2002) para ele estes são indissociáveis estão interligados:

> Consequentemente a abordagem cultural leva a colocar em primeiro lugar um espaço cultural que se determina tanto por sua dimensão territorial como a dimensão histórica. Território e Cultura não podem ser atingidos se não no interior de uma duração e enquanto realidade móvel e conjuntural (BONNEMAISON, 2002 p. 106).

Uma outra abordagem teórica sobre o território é a de Porto-Gonçalves (2010) um geógrafo humano que tinha como foco nas suas pesquisas o ambientalismo e a geografia afirma que do ponto de vista territorial, o eurocentrismo foi uma influência ruim pelos seguintes motivos: a Europa como centro da comercialização e os valores ocidentais como uma forma de padrão e quando se fala sobre o diálogo dos saberes o pesquisador

ISSN: 2358-8829

deixa bem claro que haja uma superação da colonialidade do saber e do poder , faz uma conceituação sobre a maneira que enxerga o território, as diferentes formas de territorialidade.

Para iniciarmos elencamos a questão do eurocentrismo frente aos saberes de que numa escala global não se há deve haver uma centralidade na colonização da Europa no poder o que ocorreu durante muito tempo e assim dismistificar a ideia de que exista apenas um pensamento universal. Porto- Gonçalves 2010 afirma que:

> Um pensamento universal, aquele produzido apartir de uma província específica do mundo, a Europa e, sobretudo, a partir da segunda metade do século XVIII, aquele conhecimento produzido apartir de uma sub-província específica da Europa, a Europa de fala inglesa, francesa e alemã, enfim, a segunda modemo-colonialidade, que teima em olvidar o conhecimento produzido na primeira moderno-colonialidade, aquela de fala espanhola ou portuguesa. (PORTO-GONÇALVES, 2010 p. 42).

Nessa citação conseguimos levantar pontos de que a crítica do pesquisador é elencada a partir da língua a Europa como berço da civilização por falar várias línguas acaba se tornando uma colônia de dominação detentora do saber em uma área terriorial, mas o que é pra ser feito não é uma desvalorização desse saber, mas não tomar ele como sendo o único e não seja homogêneo e concentrado sem abrigar percepções contraditórias.

Na percepção de Porto- Gonçalves (2010) para conceituar o território se baseia na teoria de Raffestin, na geografia do poder e de um espaço apropiado. E desse modo, o referido autor traz no decorrer da construção da sua vertente teórica a respeito dessa categoria geográfica estabelece relações sociais realizadas por sujeitos e grupos sociais:

> O território não é algo anterior ou exterior à sociedade. Território é espaço apropriado, espaço feito coisa própria, enfim, o território é instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele. Assim, há, sempre, território e territorialidade, ou seja, processos sociais de territorialização. (PORTO-GONÇALVES, 2010 p. 42).

No que conseguimos extrair a respeito das fronteiras no que compete as relações sociais e de poder estarem sendo desnaturalizadas e aponta uma dinâmica transformadora, passando a exercer uma configuração territorial do espaço. “assim, diferentes territorialidades e os diferentes sujeitos que as portam e agenciam estão reconfigurando os lugares, o espaço. A tensão que hoje vivemos é a melhor expressão que a conformação territorial hegemônica”. (PORTO-GONÇALVES, 2010 p. 46).

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ressalta-se que esse artigo é de grande contibuição para a ciência geográfica por fazer uma reflexão sobre a categoria de território referente as principais vertentes dessa, desde uma abordagem clássica numa relação ontológica do poder um dos principais pensadores é o Raffestin; o território como Estado-Nação; esclarecer a diferença entre território e espaço que alguns estudiosos confudiam uma categoria com a outra, que apesar de serem bem parecidas tem diferenças e significados diferentes.

Além de fazer uma discussão sobre as noções de identidade social e identidade territorial, a abordagem da categoria territorial com um caráter metodológico para os marxistas tem uma visão sobre a definição do território e suas implicações em pesquisas geográficas e que é de fundamental importância como uma base de dados racional para enriquecer teses e dissertações que destaquem o território como uma análise territorial e as suas dinâmicas dos povos tradicionais na sua constituição de base e nas relações que esses exercem a partir de símbolos que fazem inferência a sua cultura e que são preconizados desde os seus antepassados até as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: **Geografia Cultural**: um século. Rio de Janeiro, Eduerj, 2002, 83-131.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: Do Fim dos Territórios à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2004. Capítulo 2. Definindo Território para Entender a Desterritorialização. P. 35-98.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Z. CORRÊA, R. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, pp. 169- 190

MARQUES, Amanda Christinne Nascimento. **Conceituação da categoria geográfica território** . João Pessoa- PB: Universidade Federal da Paraíba , Agosto/dezembro.2025. Notas de aula

PORTO-GONÇALVES, C. W. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-Americano. **GEOgraphia**, [s. l.], v. 8, n. 16, 2010. Disponível em: http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13521. Acesso em: 19 ago. 2019 (transferido para Encontro 6).

RAFFESTIN, Claude **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ed. Ática, 1993. (Série Temas). Capítulo I O que é o Território? e II. As Quadrículas do Poder P. 1-33.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia Conceitos e Temas**: 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003. P. 77-116.

SUERTEGARAY, Dirce Maria. Espaço Geográfico uno e múltiplo. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales.** Universidad de Barcelona, 2001.